



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**

Jennyfer Amanda Alves da Silva Chagas

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO:  
EXPRESSÃO DO SEXISMO AMBIVALENTE EM RELAÇÃO À MULHER NO  
BRASIL: UM ESTUDO DOS COMENTÁRIOS NO *FACEBOOK***

Maceió-AL  
2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO:  
EXPRESSÃO DO SEXISMO AMBIVALENTE EM RELAÇÃO À MULHER NO  
BRASIL: UM ESTUDO DOS COMENTÁRIOS NO *FACEBOOK***

Artigo apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – Campus A.C SIMÕES, na modalidade de Trabalho de Conclusão de Curso, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Sheyla Christine Santos Fernandes

# **EXPRESSÃO DO SEXISMO AMBIVALENTE EM RELAÇÃO À MULHER NO BRASIL: UM ESTUDO DOS COMENTÁRIOS NO *FACEBOOK***

**Jennyfer Amanda Alves da Silva Chagas  
Sheyla Fernandes, Universidade Federal de Alagoas**

## **RESUMO**

O sexismo contra a mulher surge na crença da inferiorização e fragilidade feminina, que repercute de modo preconceituoso e violento em diversos contextos no Brasil e no mundo. Com o uso das Redes Sociais Online (RSO), abre-se espaço para a fácil expressão de relatos virtuais. Portanto, objetiva-se analisar a expressão do sexismo ambivalente contra a mulher no Brasil através dos comentários presentes na RSO Facebook segundo a Teoria da Ação Planejada (TAP). O estudo consistiu na coleta de comentários em páginas e grupos abertos com um número mínimo de mil membros/seguidores através dos descritores “feminismo” e “mulheres” no Facebook. O resultado foi composto por 315 segmentos de texto analisados através do software IRAMUTEQ por meio da análise de similitude. A análise resultou em quatro eixos indicando as atitudes, controle comportamental e norma subjetiva. As atitudes se expressam desfavoráveis à expressão do sexismo. A norma subjetiva revela a mídia e os amigos como fatores de risco. O controle comportamental mostra os estereótipos sobre a mulher como facilitadores de comportamentos sexistas. Assim, a partir dos resultados, é possível delinear estratégias à luz da TAP capaz de pensar em alternativas para o combate de comportamentos sexistas voltados a um ou mais construtos.

**Palavras-chave:** Sexismo; Facebook; Teoria da Ação Planejada.

## **ABSTRACT**

Sexism against women arises from the belief in female inferiority and fragility, which has a prejudiced and violent repercussion in different contexts in Brazil and in the world. With the use of Online Social Networks (RSO), space is opened for the easy expression of virtual reports. Therefore, the objective is to analyze the expression of ambivalent sexism against women in Brazil through the comments present in the RSO Facebook according to the Theory of Planned Behaviour (TAP). The study consisted of collecting comments on pages and open groups with a minimum number of one thousand members/followers using the descriptors “feminism” and “women” on Facebook. The result was composed of 315 text segments analyzed using the IRAMUTEQ software by means of similarity analysis. The analysis resulted in four axes indicating attitudes, behavioral control and subjective norm. Attitudes express themselves unfavorable to the expression of sexism. The subjective norm reveals the media and friends as risk factors. Behavioral control shows stereotypes about women as facilitators of sexist behaviors. Thus, based on the results, it is possible to outline strategies in the light of TAP capable of thinking about alternatives to combat sexist behaviors aimed at one or more constructs.

**Keywords:** Sexism; Facebook; Theory of Planned Behaviour.

## **INTRODUÇÃO:**

O sexismo consiste em ideias e práticas que buscam destacar um gênero em desfavor de outro, repercutindo de modo preconceituoso e violento em diversos contextos no Brasil e no mundo (DA SILVA e CHAI, 2018; FORMIGA, 2011). Esse preconceito contra a mulher surge na crença da inferiorização e fragilidade feminina, visto que inúmeros estereótipos fundamentam a expressão do sexismo, como o estreitamento de conceitos como “dona de casa”, “fragilidade feminina”, “proteção masculina”, à figura feminina.

Alicerçado pelo patriarcado, o qual se constitui como organização social em que se busca sobressair atitudes e questões masculinas em desfavor às práticas femininas (NARVAZ e KOLLER, 2006; BALBINOTTI, 2018), a desigualdade de gênero ganha facilmente espaço no Brasil. Segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), 89,5% dos entrevistados brasileiros alegaram ter no mínimo 1 preconceito contra as mulheres. Com isso, torna-se evidente a expressão do sexismo no cenário brasileiro, uma vez que esse comportamento manifesta-se tanto através de homens quanto de mulheres.

A prática do sexismo pode repercutir de dois modos: hostil, quando o preconceito se manifesta explicitamente, envolto de atitudes negativas em torno da mulher, como o ódio, discriminação ou aversão; e benevolente, quando se encontra mascarada em torno de uma atitude positiva com relação à mulher, pautado pela fragilidade feminina e necessidade de proteção masculina que permeia os estereótipos femininos (ANDRADE, 2021; FORMIGA, 2011). A ambivalência reflete a binária aparência que o preconceito pode expressar no cotidiano do indivíduo (NASCIMENTO, AMORIM e MOTTA, 2016).

Com o uso das Redes Sociais Online (RSO), dentre elas o Facebook, tornou-se atenuante a manifestação do sexismo, o qual atravessa o campo físico e se expressa no ambiente virtual, promovendo um ciberespaço ofensivo para as mulheres. As RSO oferecem um espaço de liberdade aos indivíduos, pois trata-se de um ambiente em que os usuários podem expor suas opiniões, e diante da distância física e/ou pela possibilidade de anonimato, torna-se fácil a demonstração de comportamentos preconceituosos e intolerantes (DANTAS e ABREU, 2016). Estas possibilidades são capazes de intensificar diversas publicações, dentre elas conteúdos de violência e preconceito que também podem ser transpostos para o meio presencial, com consequências físicas e/ou psíquicas, tornando-se um ciclo (MELLO, MARQUES e NOBRE, 2021).

Diante dos discursos de ódio manifestados na internet, 96% originam-se de homens, os quais em 61% das vezes se expressaram nos debates online, frente aos relatos das vítimas,

de modo agressivo, a fim de desqualificar, desmerecer, julgar e ameaçar estas mulheres que buscavam por meio do compartilhamento de suas experiências um acolhimento (Instituto Avon/ Folks Netnográfica, 2018). Nesse contexto, o sexismo recai sobre a mulher através de seus desdobramentos, como os psicológicos, em que permeia sentimentos como a culpabilização frente à procura de motivos para os comportamentos do agressor, e a violência em sua forma física.

Um levantamento realizado com a população pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) constatou que 35% dos resultados “concordam totalmente” que haveria redução de estupros caso as mulheres soubessem se comportar, e 23,2% “concordam parcialmente”. As respostas da amostra são reflexos da impunidade em torno do agressor, uma vez que tais comportamentos quando não são justificados como elogios ou apreciação para com a vítima, incide a esta como culpada diante do ato de violência praticado.

Nesse viés, com a necessidade de delinear novas formas de combate ao preconceito, reconhecer as diferentes formas em que o sexismo se expressa no cotidiano das pessoas através do ambiente virtual se coloca como fundamental. Para este cenário, a Teoria da Ação Planejada (TAP) encontra-se como um valioso modelo teórico, uma vez que busca prever e explicar como as crenças influenciam o comportamento humano (AJZEN e FISHBEIN, 2000).

A TAP apresenta três construtos: (1) atitudes/ crenças comportamentais: Representa a influência pessoal sobre o comportamento, uma vez que corresponde ao julgamento da pessoa para a realização do mesmo como positivo ou negativo, isto é, como as mulheres se comportam, como elas se veem, como se sentem diante da expressão do sexismo; (2) norma subjetiva/ crenças normativas: Trata-se da percepção da pessoa sobre a pressão exercida socialmente a si, a qual pode incentivar ou não a execução do comportamento, para o presente cenário, refere-se a grupos sociais que aprovariam ou desaprovaram a expressão do sexismo; e (3) controle comportamental/ crenças de controle: consiste na presença de fatores que possam facilitar ou impedir o desempenho do comportamento, ou seja, encontra-se atrelado ao conceito de sexismo, machismo, discursos estereotipados ou outros fatores que possam influenciar na expressão ou combate do sexismo (AJZEN e FISHBEIN, 2000; MOUTINHO e ROAZZI, 2010; FERNANDES et al., 2019). Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar a expressão do sexismo ambivalente contra a mulher no Brasil através dos comentários presentes na RSO *Facebook*.

## MÉTODO:

A pesquisa possui finalidade de mapear os relatos virtuais de intolerância sexista e investigar como o preconceito contra a mulher na RSO Facebook é manifestado. Diante disso, realizou-se um mapeamento na RSO Facebook (<http://facebook.com.br/>) de páginas e grupos abertos que abordam o tópico feminismo e mulheres através dos descritores: feminismo, feminista, sexismo e machismo. Para a seleção dos sítios foram considerados os seguintes critérios: (1) abordar o assunto pertinente aos tópicos; (2) serem abertos; (3) terem um número mínimo de um mil membros/seguidores. Em seguida, foi realizada a coleta dos comentários das 5 postagens mais relevantes (curtidas, comentadas e/ou visualizadas) a partir da utilização do *software OpenOffice Writer* (AFONSO, 2010), dentro dos sítios eleitos do Facebook, para análise das publicações.

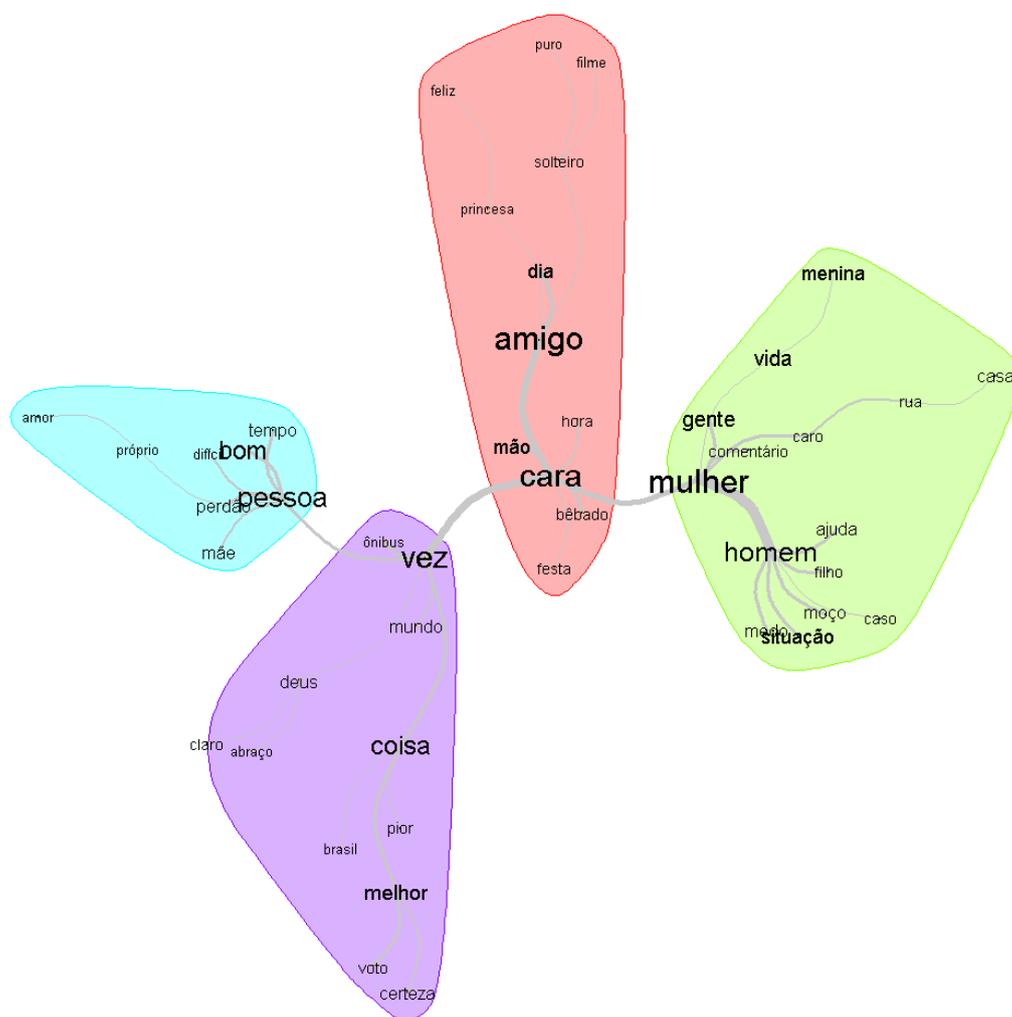
A análise de dados foi processada por meio do *software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires)* partindo das seguintes etapas: (a) Coleta dos comentários; (b) Adequação para o Corpus Textual; (c) Análise de Similitude. A construção do corpus textual conservou o anonimato dos usuários responsáveis pelos comentários e foi organizado de acordo com a estrutura e formatação determinados pelo IRAMUTEQ. O *software* compreende um programa livre ancorado no programa estatístico R, que permite análises estatísticas de dados qualitativos através de diferentes ferramentas de processamento, como a análise de similitude (CAMARGO e JUSTO, 2013).

Concernente a análise de similitude, suas bases respaldam na matemática com a teoria dos grafos, ou seja, na pesquisa em um conjunto das relações existentes entre os objetos, identificando dessa forma as coocorrências entre as palavras (SALVIATTI, 2017). Assim, esse método permite identificar e apresentar a conexidade do corpus textual por meio de seus resultados (CAMARGO e JUSTO, 2016). Na árvore, o tamanho das palavras vão indicar sua importância e maior frequência no corpus, a espessura entre as linhas que ligam os termos apontam a relação entre eles, isto é, linhas mais espessas indicam maiores associações. Além disso, deve-se observar os polígonos aos quais os vocábulos pertencem pelos quais serão possíveis identificar e analisar as partes em comum e as especificidades entre as palavras (CAMARGO e JUSTO, 2016).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Com a coleta de dados nos sítios do Facebook, os comentários coletados decorriam das 5 publicações com o maior número de interações (curtidas, comentadas e/ou visualizadas). As postagens selecionadas abordavam as seguintes características: 1) Questões políticas e direitos das mulheres; 2) Sororidade em contexto de violência; 3) Estereótipo da mulher que precisa encontrar o príncipe encantado; 4) O perdão nas relações de violência e 5) Autocuidado e autoestima nos relacionamentos. Assim, a coleta dos comentários das 5 publicações mais relevantes dentro dos sítios do Facebook resultaram no corpus “*Sexismo ambivalente no Facebook*” (Figura 1).

De acordo com a árvore de coocorrências, foram analisados 315 Segmentos de Texto (ST), com 11191 palavras (número de ocorrências) resultando em quatro eixos principais. A conexão entre os termos: *pessoa, vez, cara e mulher*, compreendem os fatores associados à expressão do sexismo ambivalente em relação à mulher no Brasil a partir dos relatos no Facebook.



**Figura 1.** Árvore de coocorrências “*Sexismo ambivalente no Facebook*”.

Conforme apresentado pela árvore de coocorrências, o eixo com a palavra central “pessoa” aborda através dos relatos a expressão do sexismo como um fator desfavorável, com destaque para as vítimas que são atravessadas por diversos dilemas, como o intenso sentimento de culpa, os conflitos psicossociais no que corresponde às relações interpessoais e o dilema com si próprio, além do sofrimento físico e emocional que acomete a vítima. Nesse contexto, com relação às atitudes (AJZEN, 1991), as crenças comportamentais levantadas expressam as desvantagens na expressão de tal comportamento, o qual perpassa o ambiente físico e também se expressa no ciberespaço. Os seguintes comentários sustentam a discussão: “*As pessoas me fizeram acreditar que eu era culpada*”, “*Só a pessoa sabe como e quanto tempo sofreu além do mais qualquer relação depois disso é perda de tempo*” e “*É muito difícil sabe? Todo dia olhar para a pessoa e lembrar de todo mal*”.

Dentre as dificuldades encontradas pelas mulheres, está no direito de ir e vir e na segurança, uma vez que ações como sair e estar em diferentes espaços sociais são envoltas de sentimentos como a insegurança e medo, tornando-se evidente os desdobramentos psicológicos desencadeados por essa violência (CRUZ e IRFFI, 2019). O sexismo ambivalente apresenta-se por suas formas de violência hostil e benevolente, expressas por ameaças, agressões, manipulações, privações, constrangimento, ou seja, aspectos que permeiam a saúde mental das vítimas (SILVA et al., 2020).

O conflito psicológico se torna um fator de peso para as vítimas, em diversas situações a mulher passa a ser culpabilizada pelo agressor em virtude de sua vestimenta ou modo de agir, uma vez que muitos comportamentos sexistas encontram-se velados e justificados em forma de elogio ou apreciação por parte do agressor (CARDOSO e COSTA, 2019; FORMIGA, 2011). Ao estar inserida em uma sociedade com raízes históricas na desigualdade de gênero, a mulher passa a ser silenciada uma vez que ainda é vista como um sujeito desprovido de direitos e vontades. Ao ir de encontro com a violência sofrida, muitas mulheres encontram-se frente a sentimentos de baixa autoestima, medo, culpa, vergonha, desamparo, isto é, um sofrimento crescente, o qual pode desencadear em agravos através de sintomas depressivos e ideação suicida (CARMASSI, 2020; SOUZA e SILVA, 2019).

O eixo com a palavra central “cara” apresenta o vocábulo secundário “amigo” e expõe a percepção das pessoas acerca dos amigos homens como um fator de risco para a expressão do sexismo, uma vez que há uma rede de apoio masculina e o não reconhecimento de comportamentos violentos entre eles, como expresso nos comentários: “*Já paguei dez reais*

*num táxi para duas irmãs que estavam com medo de ir de carona com uns amigos”, “Porque tem muito cara em baladinha que adora encurralar mulher sozinha e bêbada, mas na verdade não passa de um assediador” e “...entrou uns quatro amigos meus no meio e me tiraram de dentro da festa, dizendo que eu era barraqueira”.*

Os comportamentos violentos que permeiam as relações de gênero encontram força no machismo, uma vez que permeia a idealização do homem enquanto figura de poder e autoridade, sustentando um espaço e figura da mulher enquanto sujeito sem voz, sem desejos, emotiva ou alarmista (DUARTE e PAULINO, 2021). Nesse viés, a mulher se encontra sujeita à concordância masculina em que este passa a ter a sua palavra como verdadeira e prevalente em diversos contextos e situações sociais. Essas concepções distorcidas e enraizadas, que permeiam as relações de gênero na sociedade, fomentam comportamentos de assédio, de modo a tornar evidente a manifestação do sexismo hostil, visto que atos como encurralar as vítimas na parede, violentar em uma situação de vulnerabilidade, como em casos de embriaguez, passam a ser aceitas e até mesmo justificadas por parte dos agressores ou do meio social no qual este agressor está inserido, como os amigos.

A divulgação de comportamentos sexistas através de filmes e histórias desde a infância, com os contos de princesas, também reproduzem a ideia da figura feminina enquanto dependente de um outro masculino para ser completa emocionalmente e realizar determinadas atividades, ancorada no discurso de fragilidade e dependência feminina, isto é, o alcance do pensamento “felizes para sempre” que é disseminado ao longo das gerações. Os trechos com as palavras “princesa”, “filme” e “feliz”, ramificadas do presente eixo, exemplificam a discussão: “*As princesas estão sempre incompletas ou em encrência até que encontrem o homem*” e “*Trabalho com fatos, se não vi o felizes para sempre nos filmes, é porque não teve*”. Dessa forma, compreende-se através dos comentários o construto Norma Subjetiva, pois, amigos e produções midiáticas podem exercer comportamentos de discriminação, de modo a incentivar a expressão de comportamentos sexistas (AJZEN, 1991).

Nestas concepções da figura da mulher, o sexismo benevolente se expressa, pois, tais discursos encontram-se disfarçados através do romantismo que circunda os filmes, como a fragilidade e necessidade de ajuda e proteção masculina para a realização emocional e física, além da objetificação do corpo feminino e subordinação feminina (CIMETTA e LEÃO, 2019). Esses comportamentos são vistos como uma atitude positiva pelo meio, uma vez que se expressam através de elogios e discursos de gratidão aos papéis desempenhados pela mulher, dentre eles o de submissão, contudo, reforçam a manutenção do sexismo na medida em que encontram-se mascarados (FORMIGA, 2011).

O eixo “vez”, expresso na análise de similitude, apresenta a percepção das pessoas acerca de fatores que podem facilitar a expressão do sexismo ambivalente (“mundo”, “voto”, “coisa” ou melhor”). Assim, os discursos, dentre eles os discursos político partidário, encontram-se como um fator influente na propagação de estereótipos femininos, como fragilidade, dependência, inferioridade, ou seja, aspectos que se encontram atrelados ao eixo “cara”. Os comentários expressam a discussão: “*A desconstrução está aí para tentar melhorar o mundo e será minha contribuição para o mundo, a criação desses meninos, futuros homens*” e “*Assuntos movidos por questões político partidárias. Por favor, criem melhor esses homens!*”.

Tal contexto se expressa como impulsionador de uma violência que perpassa o campo linguístico, ou seja, em suas formas e impactos psicológico e moral, e se desdobra no âmbito físico, com a violência física, sexual e patrimonial, como expresso em: “*Uma vez aconteceu comigo também na porta de um shopping, um cara mais velho passou com o amigo e passou a mão no meu rosto e me chamou de alguma coisa e saiu andando*” e “*Mas quantas meninas ficam tão assustadas que travam, aceitam qualquer coisa, fazem qualquer coisa com medo de morrer*”. Nesse viés, o controle comportamental mostra os estereótipos sobre a mulher como facilitadores de comportamentos sexistas.

Os discursos históricos que permeiam a mulher, encontram-se como propagadores de estereótipos uma vez que encontram espaço tanto no meio físico, quanto no meio virtual através de comentários violentos em torno da aparência feminina, relacionamentos, ambientes visitados, ou seja, percepções do agressor de padrões que a mulher deve ou não se encaixar (DUARTE e PAULINO, 2021). Com isso, inúmeros espaços e papéis vão sendo tecidos para a mulher: mãe, trabalhadora, dona de casa, sensual, cozinheira, calma. Estes padrões, ancorados nas desigualdades de gênero, passam a ser impulsionados por instituições sociais, como a mídia, igreja, estado, atrelando-a a um ideal de mulher que perpetua violências de modo velado, uma vez que esse corpo passa a ocupar uma posição de objeto (BRUNELLI, 2018; DUARTE e PAULINO, 2021).

As crenças de controle positiva, apresentado através do eixo “mulher”, expõe a ajuda e defesa de outras mulheres como fatores que dificultam a expressão do sexismo, visto que os agressores se sentem intimidados pela presença de outras mulheres, uma vez que uma mulher sozinha é vista como vulnerável e uma vítima fácil para ser atacada. Os segmentos de texto refletem isso:

*“...vi uma menina rodeada por 3 caras, e ela estava apavorada. Cheguei com uma cara confusa: nossa Ana, que*

*bom te ver! Meu pai já está vindo me buscar, quer carona para algum lugar? agarrei a mão da menina e arrastei ela dali, porque os meninos se afastaram um pouco quando falei do meu pai. Fomos para dentro de um bar e ela ligou pra mãe ir buscar ela. O mais triste é que eles se afastaram pelo fato de ter um possível outro homem a caminho e não pelos vários não que ela já devia ter falado!”.*

As redes de apoio intensificam mecanismos eficazes, como a empatia e solidariedade, no que corresponde ao acolhimento e luta de mulheres nas mais diversas situações e contextos: *“Às vezes é a sua ajuda, a sua empatia que pode salvar a vida de alguém”* e *“Se você ver alguma mulher em situação de risco, não pense duas vezes, se puder ajudar, ajude”*. O eixo também se correlaciona ao ramo “vez”, pois apresenta alternativas que dificultam a expressão do sexismo ao enfatizar, diante da palavra secundária “homem”, a importância de uma educação que fomente os direitos e espaço da mulher na sociedade, principalmente voltada para meninos e homens, de modo que corrobore com a luta feminina na conscientização da população a respeito do combate a comportamentos sexistas: *“Claro que a gente tem medo de homens, por causa da realidade, mas se for para uma moça ser violentada assim, mesmo sendo homem, ajude, interfira”*. Desse modo, o aumento em configurações de redes de suporte torna-se preponderante para que a mulher enfrente diversas situações sexistas, de modo que o acolhimento suceda de forma saudável frente às sequelas físicas ou emocionais que circundam a vítima (CARDOSO e COSTA, 2019; GRIPP e SILVEIRA, 2021).

Com o suporte e desenvolvimento de habilidades como a autoestima, autonomia e independência, é possível romper com as concepções de ideal de mulher que deixa seus rastros impostos pelo meio social. Estas redes corroboram para a prática de ações como a denúncia, reconhecimento do valor e força feminina, além de difundir a identificação das diversas formas do sexismo, seja a violência expressa de modo explícito ou velada, questões que vão de encontro com a prática da sororidade (LEAL, 2020; SOUZA e SILVA, 2019).

## CONCLUSÕES:

Com a análise da expressão do sexismo ambivalente contra a mulher no Brasil através dos comentários presentes na RSO *Facebook* à luz da TAP, faz-se possível delinear diferentes formas de enfrentamento e combate deste preconceito, alicerçados nas leis e estratégias sociais e governamentais já existentes, com intuito de impulsionar tais alternativas. As redes de apoio e ações educativas desde o ambiente escolar demonstraram-se mecanismos potentes para que comportamentos sexistas deixem de ser expressos tanto por homens quanto por mulheres.

Um achado pertinente direciona-se aos impactos biopsicossociais que a expressão do sexismo pode acarretar, pois a ambivalência do sexismo expressa através das produções midiáticas, de discursos político partidários e de pessoas próximas, como os amigos, gera um grande conflito na vítima no que corresponde ao reconhecimento ou não de ações preconceituosas. Assim, a identificação de comportamentos sexistas em variados contextos e conjunturas favorece o encorajamento de mulheres no combate e denúncia nas RSO e em espaços físicos.

Apesar da conjuntura histórica do patriarcado e da violência que permeiam as relações de gênero no Brasil e no mundo, com as RSO, os movimentos de luta em busca da defesa e dos direitos da mulher podem ser potencializados, visto que o *Facebook* e outras redes enquanto ferramentas de comunicação social tornam-se capazes de disseminar conteúdos relevantes de potencial impacto teórico e prático.

Torna-se fundamental ponderar certas limitações que não puderam ser abarcadas no estudo, como a interseccionalidade que atravessa o presente tema, com os temas racismo, capacitismo e outras vertentes importantes no que contempla as relações de gênero, com destaque a mulher e seu espaço no âmbito social. Além disso, apesar do estudo se concentrar no espaço online *Facebook*, considera-se interessante a ampliação da análise para outras redes sociais e canais de comunicação como o *Instagram*, *Youtube*, *Twitter* ou *Whatsapp*.

## REFERÊNCIAS:

AJZEN, Icek. The theory of planned behavior. *Organizational behavior and human decision processes*, v. 50, n. 2, p. 179-211, 1991. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T)>. Acesso em: 16 de Set. 2022.

AJZEN, Icek; FISHBEIN, Martin. Attitudes and the attitude-behavior relation: Reasoned and automatic processes. *European review of social psychology*, v. 11, n. 1, p. 1-33, 2000. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14792779943000116>>. Acesso em: 26 de Ago. 2022.

ANDRADE, Renata de Oliveira. Sexismo no ambiente de trabalho policial: um estudo à luz da teoria da ação planejada. 2021. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/8212>>. Acesso em: 15 de Set. 2022.

BALBINOTTI, Izabele. A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo. *Revista da ESMESC*, v. 25, n. 31, p. 239-264, 2018. Disponível em: <<https://revista.esmesc.org.br/re/article/view/191/165>>. Acesso em: 14 de Set. 2022.

BRUNELLI, Anna Flora. Mais razão e menos emoção: o discurso de autoajuda para mulheres. *Revista Estudos Feministas*, v. 26, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/Hk76MMYWCfVg9ndccY3yMjs/?format=pdf&lang=pt>> . Acesso em: 15 de Set. 2022.

CARDOSO, B. L. A.; COSTA, N. Desenvolvimento de habilidades sociais de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo: um estudo teórico”. **Interação em Psicologia**, v. 23, p. 20-32, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5380/psi.v23i1.53789>>. Acesso em: 15 de Set. 2022.

CARMASSI, Marcia Regina. Sofrimento, angústia e desespero no fenômeno da violência contra as mulheres: estudo de caso com universitárias do Vale do Paraíba. 2020. Disponível em: <<http://repositorio.unitau.br/jspui/handle/20.500.11874/5044>>. Acesso em: 31 Ago. 2022.

CIMETTA, Luciana Fernandes; DE CASTRO LEÃO, Andreza Marques. OS CONTOS DE FADAS: ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA MITIGAR ESTEREÓTIPOS FEMININOS. *Revista Inter Ação*, v. 44, n. 1, p. 196-209, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/ia.v44i1.48784>>. Acesso em: 31 de Ago. 2022.

DA SILVA, Imaíra Pinheiro de Almeida; CHAI, Cássius Guimarães. As relações entre racismo e sexismo e o direito à saúde mental da mulher negra brasileira. *Revista de Políticas Públicas*, v. 22, p. 987-1006, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/3211/321158844050/321158844050.pdf>>. Acesso em: 14 de Set. 2022.

DA SILVA DUARTE, Débora; PAULINO, Pedrita Reis Vargas. O machismo e sua influência nas crenças centrais femininas. *Cadernos de psicologia*, v. 2, n. 4, 2021. Disponível em: <<http://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2850/1926>>. Acesso em: 27 de Out. 2022.

FERNANDES, Sheyla Christine Santos et al. Teoria da Ação Planejada: aplicabilidade e eficácia. *Interacao em Psicologia*, v. 23, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://media.proquest.com/media/hms/PFT/1/4nxD9?s=CnQWNmn%2BqsAIdlQwh36XTf6PZ6k%3D>>. Acesso em: 13 de Out. 2022.

FOLKS NETNOGRÁFICA. A Voz das redes: o que elas podem fazer pelo enfrentamento das violências contra as mulheres. Agência Patrícia Galvão- Instituto Avon, 2018. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/voz-das-redes/>>. Acesso em: 27 de Out. 2022.

FORMIGA, Nilton Soares. Inventário do sexismo ambivalente em brasileiros: sua acurácia estrutural. *Salud & Sociedad*, v. 2, n. 2, p. 192-201, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/17538>>. Acesso em: 04 de Out. 2022.

GRIPP, Phillip Dias; SILVEIRA, Ada Cristina Machado. Lugares de fala contra o sexismo da campanha ElesPorElas: análise do discurso organizacional. *Organicom*, v. 18, n. 36, p. 92-102, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.185085>>. Acesso em: 14 de Set. 2022.

LEAL, Tatiane. O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais. *Revista ECO-Pós*, v. 23, n. 3, p. 139-164, 2020. Disponível em: <<https://10.29146/eco-pos.v23i3.27601>>. Acesso em: 04 de Out. 2022.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, v. 18, p. 49-55, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007>>. Acesso em: 14 de Set. 2022.

NASCIMENTO, Bianca Bueno do; AMORIM, Rosiane Silveria Rodrigues Veloso; MOTTA, Diomar das Graças. Sexismo e Educação: produção teórica. *Fórum Internacional de Pedagogia-FIPED*, v. 8, p. 1-6, 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/25746>>. Acesso em: 04 de Out. 2022.

MOUTINHO, Karina; ROAZZI, Antonio. As teorias da ação racional e da ação planejada: relações entre intenções e comportamentos. *Avaliação psicológica*, v. 9, n. 2, p. 279-287, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3350/335027283012.pdf>>. Acesso em: 24 de Ago. 2022.

SOUZA, Marjane Bernardy; SILVA, Maria Fernanda Silva da. Estratégias de enfrentamento de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão da literatura brasileira. *Pensando famílias*, v. 23, n. 1, p. 153-166, 2019. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n1/v23n1a12.pdf>>. Acesso em: 13 de Out. 2022.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA**



## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**ESTUDANTE: Jennyfer Amanda Alves da Silva Chagas**

**TÍTULO: EXPRESSÃO DO SEXISMO AMBIVALENTE EM RELAÇÃO À  
MULHER NO BRASIL: UM ESTUDO DOS COMENTÁRIOS NO  
FACEBOOK**

### **BANCA EXAMINADORA:**

Profª. Dra. Sheyla Christine Santos Fernandes– ORIENTADOR/A

Prof. Dr. Leogildo Alves Freires– AVALIADOR/A

**APROVADO EM: 08/11/2022**

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** MARCOS RIBEIRO MESQUITA  
Data: 09/11/2022 16:54:52-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

COORDENAÇÃO DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DO IP